

A PROSA NARRATIVA DE NEIDA LÚCIA MORAES

THE NARRATIVE PROSE BY NEIDA LÚCIA MORAES

Francisco Aurelio Ribeiro*

Nos anos setenta, ocorre o auge do autoritarismo no Brasil, durante o período da ditadura militar. As artes sofrem um grave retrocesso com a censura institucionalista, as perseguições políticas a professores e a intelectuais e o exílio voluntário ou forçado dos artistas. A literatura acaba por exercer uma função parajornalística, ocupando o lugar dos meios de comunicação de massa, em que predominam os romances do gênero realista, mágico ou jornalístico.

Os veios narrativos de maior sucesso de público ou da crítica, naquele período, foram a “literatura-verdade” de João Antônio, José Louzeiro e Aguinaldo Silva; a prosa alegórica de Roberto Drumond, do *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo, de *A festa*, de Ivan Ângelo; textos confessionais como *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubem Paiva, cujo pai foi assassinado pela ditadura; *Com Licença eu vou à luta* ou *Tanto faz*, de Reinaldo Moraes; fábulas como a do *Fazenda modelo*, de Chico Buarque de Hollanda; depoimentos político-biográficos como os de

* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Fernando Gabeira, Alex Polari, Reinaldo Guarany ou Gregório Bezerra; os seis volumes de memórias de Pedro Nava, acompanhados de *O menino Grapiúna*, de Jorge Amado, e do *Solo de clarineta*, de Érico Veríssimo (SUSSEKING, 1985, p. 10-11).

No Espírito Santo, a literatura local não passou ao largo da maioria dessas tendências. Renato Pacheco, Virgínia Tamanini, Adelpho Poli Monjardim, Reinaldo Santos Neves, Margarida Pimentel e Neida Lúcia Moraes publicam prosas de ficção neorrealistas, em que se pode ler as mudanças socioeconômicas e políticas por que passava o país naqueles “anos de chumbo”, a ditadura militar que dominou o país de 1964 a 1985.

Neida Lúcia Moraes, professora universitária e romancista, foi uma dessas escritoras que publicou nesse período. Em sua obra ficcional, pode-se compreender o país que se desenhava sob o jugo militar. Sua prosa narrativa é composta de seis romances, publicados de 1969 a 2010; nos três primeiros, predomina o realismo social e os três últimos possuem a história como *leitmotiv*.

O verbete da Academia Espírito-santense de Letras (AEL) expõe os seguintes dados sobre a autora:

Neida Lúcia Moraes nasceu em Vitória, em 12 de junho de 1929. Desde menina revelou inclinação para as letras, escrevendo histórias infantis e poemas que recitava na escola. Diplomou-se em História pela UFES, e dedicou os seus estudos a um aprofundamento contínuo dos fatos que marcaram o conjunto da história das civilizações. Sempre se dedicou, principalmente, a uma busca constante de compreensão da História do Brasil, suas causas e consequências e interligações com os acontecimentos do seu Estado natal, o Espírito Santo. Neida Lúcia foi professora da UFES e ocupou cargos de destaque na administração pública como diretora do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação, Diretora da Biblioteca Pública Estadual, Chefe da Divisão de Ciências Humanas e Literatura do Departamento Estadual de Cultura, além de membro do Conselho Estadual de Cultura, membro do IHGES e da Academia Espírito-santense de Letras. É também sócia da Sociedade Portuguesa de Estudo do Século XVIII (ACADEMIA, 2005).

Ainda segundo o verbete, a autora é romancista de sucesso, costuma abordar a história como cenário ou, como vimos, *leitmotiv* de seu trabalho ficcional.

Seus romances atingiram edições sucessivas e foram traduzidos em países europeus como a Romênia. Colecionadora de títulos, diplomas, prêmios nacionais e internacionais, é constantemente convidada para ministrar cursos e proferir palestras no exterior. Foi a segunda mulher a ingressar na Academia Espírito-santense de Letras. Publicou: *Olhos de ver*, romance, Rio, Editora Pongetti, 1967, obra premiada pelo Instituto Nacional do Livro; *Sete é número ímpar*, romance, com prefácio de Austregésilo Athayde, Rio, Artenova, 1971; *O Espírito Santo é assim*, panorama histórico, econômico e geográfico do Estado, Rio, Artenova, 1971; *Espírito Santo, esta é a sua terra no Brasil*, obra adotada em toda a rede oficial de ensino fundamental, além de artigos e crônicas estampados na imprensa de sua cidade. Publicou, ainda, os romances: *O mofo no pão*, 1984, *O sentido de distância*, 1985, e *A sombra do holocausto*, 2010, uma reunião dos dois anteriores (ACADEMIA, 2005).

Neste artigo, o objetivo é apresentar, numa perspectiva histórico-literária, seus romances, expondo seus aspectos centrais, com ênfase, no entanto, na narrativa histórica iniciada com *O mofo no pão*, em 1984.

Neida Lúcia Moraes publicou seu primeiro romance, *Olhos de ver*, em 1969, pela Ed. Pongetti, Rio de Janeiro, com relativo sucesso, premiado pelo Instituto Nacional do Livro. *Olhos de ver*, seu romance de estreia, tem como enredo a história de Jorge, jovem médico do interior, em conflito com os clientes, influenciados pela benzedeira Sá Joaninha. Almeja construir uma clínica, mas precisa da ajuda do coronel Gersino, o mandatário político local. Incriminado pelo coronel, cujas águas contaminavam a população com o tifo, Jorge é salvo pela revolução integralista, sufocada por Getúlio Vargas, que põe fim à supremacia política do coronel. Além da história de Jorge, há a de Ricardo, jovem acadêmico de Direito, que luta contra as discriminações, por ser filho de pais desquitados. Um terceiro núcleo dramático é o de Margarida (Guida), esposa do Dr. Jorge, cujas origens levam a narradora a tecer um discurso em favor da educação da mulher, de sua independência financeira e de sua emancipação independente do marido e do casamento.

Em seu primeiro romance, a autora demonstra habilidade na construção de personagens que representam aspectos sociais do Brasil de meados do século XX, que se transformava política e socialmente.

Em seu segundo romance, *Sete é número ímpar*, publicado pela Ed. Artenova, Rio de Janeiro, em 1971, a autora retrata a vida de jovens estudantes de Direito, do final da década de sessenta a junho de 1970. Utilizando três narradores, Marcos, o filho de um senador, André, seu colega, natural de Vitória (ES) e um terceiro, narrada em terceira pessoa, onisciente, a obra focaliza os filhos de classe média e da pequena burguesia com os seus conflitos individuais e sociopolíticos numa época de crise institucional e social.

Apesar do domínio da técnica narrativa por parte da autora, já revelado em seu primeiro romance, a obra perde em valor literário, pelo pouco aprofundamento psicológico dos personagens, a simplificação de análises dos fatos históricos e o absoluto didatismo, fazendo do romance um panfleto didático para os jovens leitores, com evidente prejuízo da qualidade artístico-literária. Esse é um risco que se corre, quando o ficcional cede ao doutrinário, o que desvaloriza a obra como ficção. Isso também pode ser observado em seu primeiro romance, quando o discurso doutrinário se impõe e se arrefece a literariedade.

Seu terceiro romance, *Simbiose*, publicado em 1987 pela Dois Pontos, Rio de Janeiro, apresenta os mesmos conflitos. Ao encaixar uma narrativa dentro da outra e, procurando retratar a história do Brasil do tempo da narrativa/narração, a autora privilegia o real em lugar do ficcional. A preocupação com a realidade político-econômica do país, ora em conversas dos personagens, ora nos textos escritos por eles, suplanta a ficcionalidade, tornando as histórias de Manoel Mourão, Eduardo, Zeca e Norminha, os jornalistas que receberam o desafio de escrever, em um ano, um romance que retratasse a realidade político-social brasileira, tão desinteressantes quanto as histórias que escrevem. Há que se

elogiar a tentativa da autora quanto à renovação das técnicas narrativas, por meio da metalinguagem, o que por si só não faz bons romances.

Isso já não ocorre nos três romances publicados nos anos seguintes, *O mofo no pão*, *O sentido de distância* e *À sombra do holocausto*, em que a autora desvia o olhar dos tempos presentes e se volta ao passado histórico, revelando seus dotes de ficcionista e de conhecedora da história mundial, sobretudo da perseguição aos judeus e aos cristãos-novos nos tempos inquisitoriais.

Em *O mofo no pão*, publicado em 1984, a autora ficcionaliza a história de um camponês, Nuno, que cai nas malhas da "Santa Inquisição". Baseado em documentos históricos, dialogando com obras não-ficcionais como *O queijo e os vermes*, de Guinsburg, a ficção se aproveita de um fato realmente ocorrido no século XVIII e cria situações, tramas e desenlaces que poderiam ter realmente ocorrido. Nuno, o personagem central, se revela representativo de uma época, num mundo tumultuado pelos nacionalismos despertados, a ganância do ouro que brotava da terra, as disputas se acirrando, o ódio e a perseguição religiosa interceptando planos e projetos de vida. A saga de Nuno foi, naturalmente, a de muitos cristãos-novos, anônimos e sofridos, perdidos na imensa colônia de além-mar. A obra foi bastante lida, gerou polêmicas e foi publicada também na Romênia, com lançamento presencial da autora.

Em *O sentido de distância*, a autora retoma o tema da perseguição aos cristãos-novos, já desenvolvido em *O mofo no pão*. O livro aborda um tema histórico recorrente que é a atuação do Santo Ofício no Brasil colonial. Tem uma narrativa de fácil entendimento, pois há uma história central que conduz as ações. É uma ficção que leva o leitor a refletir sobre a época abordada.

Lançado em 2010, *À sombra do holocausto* foi resultado da união dos dois romances históricos publicados pela autora nos anos 80: *O mofo no pão* e *O sentido de distância*. Acima de tudo, *À sombra do holocausto* é o romance do medo. O medo que a Inquisição impõe aos homens; o medo de ser livre, de pensar, de dizer, de sonhar. Amor e ódio, personagens fortes e pungentes, a

paixão impossível de Raquel, a submissa Mariana, o rigor desumano do padre Paulo, contrapondo-se à figura amiga, singela do padre Albino. O prostíbulo de Bernardina, as noites de gozo e orgia, pano de fundo para a conspiração francesa. E há, também, situações ante as quais o leitor fica sem definir se a escritora as incorporou magicamente ao enredo da história contada ou se as envolveu em filtros de pura fantasia.

Conforme a autora, como os dois primeiros romances históricos já estivessem esgotados, em 2009, o editor Leonídio Balbino da Silva — da Lisa Livros, de São Paulo —, sugeriu reuni-los num único volume: "Aceitei e, quando fui juntá-los, refiz toda a obra. Um autor, quando vai reescrever, nunca faz igual, sempre acha que há passagens que precisam melhorar", afirmou Neida Lúcia, em entrevista a Vitor Jubini (2012) na época da realização do Café Literário ocorrido no SESC Glória, em 2012, em Vitória.

Importante lembrar que os dois livros nasceram de uma viagem da autora a Portugal, em 1982, quando passou uma temporada entre Lisboa e Coimbra como pesquisadora. Convidada para apresentar uma palestra sobre a Inquisição, mergulhou nos arquivos da Torre do Tombo, onde há mais de 40 mil processos referentes ao julgamento de judeus e simpatizantes pelo Tribunal do Santo Ofício. Na ocasião, descobriu o processo de Nuno Alves de Miranda, preso pela Inquisição. Natural de Vitória, ele viveu na região onde hoje está Viana e, embora fosse agricultor de origem humilde, sabia ler, escrever e defendia ideias que estavam à frente de seu tempo. Por isso, foi preso e processado pelo Tribunal do "Santo Ofício".

"Nunca tinha ouvido falar, até então, de Inquisição no Espírito Santo. Infelizmente, não encontrei mais nenhum documento sobre o Nuno. Então preenchi as lacunas com ficção", disse a Vitor Jubini, na entrevista de 2012. Neida se orgulha ao falar do sucesso da obra, que teve três mil exemplares vendidos, na primeira edição, uma segunda impressão (com a mesma tiragem) e foi

traduzido para o romeno, inglês e espanhol e posta à venda nos sites da Amazon e Apple, em formato de e-book.

Em 2017, a LerLisa Livros substituiu o título do romance *À sombra do holocausto* para *O tempo entre sombras*, para não confundir o leitor com o holocausto dos judeus durante a II Guerra Mundial. Afinal, a obra é um romance histórico alicerçado no processo histórico da Inquisição no Estado do Espírito Santo e na Inquisição de Portugal, no século XVIII.

Resolvi escrever a história de Nuno, preenchendo os claros, as informações deficientes, da mesma maneira que ele fazia, isto é, criando as situações, imaginando fatos e desenlaces que poderiam ter acontecido. Então, esta não será verdadeiramente a história de Nuno, mas é, sem dúvida, a história de muitos cristãos-novos, anônimos e sofridos, perdidos por este imenso país delineado pelo Tratado de Madrid, de 1750 (MORAES, 2017),

diz a escritora Neida Lúcia sobre sua última obra, *O tempo entre sombras*.

Sobre sua obra, reafirmo o que escrevi, na época do lançamento:

O Tempo entre Sombras é uma aula de sensibilidade mais do que de história; de técnica literária na construção de personagens e reconstituição de um tempo histórico e, sobretudo, uma reconstituição do sentimento de medo que imperava nas colônias ibéricas do início do século das luzes.

Neida Lúcia Moraes, aos 96 anos, com lucidez, é uma das poucas escritoras capixabas a lançar seus livros em editoras nacionais e internacionais, sem publicá-los no Espírito Santo, como é comum à maioria dos escritores locais. Ao escolher, ou ser escolhida, por editoras do Rio e de São Paulo, para publicar seus seis livros de ficção, três com temática realista-social e três com fundamentação histórica, Neida obteve, como Haydée Nicolussi e Maria Antonieta Tatagiba, um espaço como poucas escritoras nascidas no Espírito Santo, estado cuja produção literária poucas vezes deixou de ser marginal ou periférica à dos grandes centros.

Referências:

- ACADEMIA Espírito-santense de Letras. *Neida Lúcia Moraes*. Vitória: AEL, 2005-. Disponível em: <https://www.ael.org.br/patronos_e_academicos/cadeira_19.html>. Acesso em: 8 ago. 2025.
- JUBINI, Vitor. *À sombra do holocausto* hoje no Centro Cultural Majestic. Neida Lúcia Moraes apresenta *À Sombra do Holocausto* no Café Literário Sesc. In: OUTROS 300 blogspot, Vitória, 2012. Disponível em: <<https://outros300.blogspot.com/2012/09/a-sombra-do-holocausto-hoje-no-centro.html>>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- MORAES, Neida Lúcia. *À sombra do holocausto*. São Paulo: Lisa, 2010.
- MORAES, Neida Lúcia. Entrevista a Glorinha Cohen: “O tempo entre sombras” de Neida Lúcia Moraes. In: COHEN, Glorinha. *Glorinha Cohen*, Vitória, 2017. Disponível em: <<https://glorinhacohen.com.br/?p=34797>>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- MORAES, Neida Lúcia. *O mofo no pão*. São Paulo: Lisa, 1984.
- MORAES, Neida Lúcia. *O sentido de distância*. São Paulo: Lisa, 1997.
- MORAES, Neida Lúcia. *O tempo entre sombras*. São Paulo: Lisa, 2017.
- SUSSEKING, Flora. *Literatura e vida literária. Polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

RESUMO: Neste artigo, faz-se uma panorâmica da prosa de ficção da escritora/historiadora Neida Lúcia Moraes (1929), decana da Academia Espírito-santense de Letras, contextualizando-a.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira – Espírito Santo. Literatura e História. Neida Lúcia Moraes – Narrativa histórica. Espírito Santo – Prosa de ficção.

ABSTRACT: This article provides an overview of the fictional prose of writer/historian Neida Lúcia Moraes (1929), dean of the Espírito Santo Academy of Letters, placing it in context.

KEYWORDS: Brazilian Literature – Espírito Santo. Literature and History. Neida Lúcia Moraes – Historical narrative. Espírito Santo – Fiction prose.

Recebido em: 5 de junho de 2025
Aprovado em: 10 de setembro de 2025